

PENSAMENTOS SOBRE ENSINO E EDUCAÇÃO: UM DESAFIO PARA SER E ESTAR NO MUNDO

Camila Ribeiro Menotti

Univates

Bruno Felix da Costa Almeida

Unisc

Eixo 1 – Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem da Educação

Nos propomos em compartilhar, nesse contexto, um fragmento de nossos pensamentos sobre o ensinar e o educar. São aproximações filosóficas, emergidas durante encontros reflexivos de dois doutorandos – em ensino e em educação – na busca de compreensões aos atravessamentos sobre a questão: O que diferencia o ensinar do educar? Obstante de encontrarmos uma única resposta para tal questionamento, nos debruçamos à possibilidade de provocações sobre como os nossos referenciais teóricos possibilitam tais transversalizações, com vista à constituição de uma trama filosófica sobre o que nos aproxima ao contexto de ação educacional, como docentes e doutorandos.

Nossos encontros de estudos nos conduzem, a cada café apreciado semanalmente, à novas possibilidades de aproximações e distanciamentos sobre os campos do ensino e da educação. Justificar a emergência de algo que nos interroga não é uma tarefa fácil. Ao mesmo tempo que entendemos que o ensinar pode educar e o educar nos conduz ao ensinar. Mas seria essa uma justificativa que conecta tais possibilidades ou a distancia ao que se torna imbricado à tarefa de um e/ou de outro? Ora, parece-nos que justificar algo que nos aflora pensamentos gera novos questionamentos. E, talvez, seja isso, justificamos a discussão pela importância de gerar novas interrogações sobre o campo que estudamos.

Ainda que nossas formações iniciais sejam distintas, filosofia e sociologia, e música, compreendemos que a tarefa de pensar nos aproxima ao contexto que nos congrega: a educação básica. Para tanto, encontramos em Passmore (1980), Cerletti (2009) e Gallo (2012) subsídios ao que pensamos sobre o ensino; enquanto Biesta (2020), Freire (2014) e Reeve (2015) nos auxiliam à concepção de um pensamento sobre a educação.

Nesse sentido, reconhecemos que o conceito de ensino possui várias interpretações, visto que a palavra *ensino* não possui limites definidos. Compreendemos

que há associação entre os conceitos de ensino e de aprendizagem, pois o objetivo de todo e qualquer ensino é promover a aprendizagem. No entanto, essa relação não é tão linear como se apresenta. Nem tudo o que é ensinado é de fato aprendido, pois sempre algo pode fugir do controle, trazendo um resultado inesperado, inimaginável.

Conforme o filósofo John Passmore (1980, p. 2), “ensinar, significa umas vezes ‘visar promover a aprendizagem e, outras, ‘conseguir efetivamente promovê-la’, isto é, umas vezes refere-se a uma tentativa, outras vezes, ao seu sucesso”. Não há uma definição única para o *ensino*. Todavia, tal conceito carrega consigo uma relação triádica: há quem ensina, há o conteúdo a ser ensinado e há quem está disposto a aprender (PASSMORE, 1980).

Em outras palavras, ensinar é, de fato, ensinar algo a alguém. Nessa perspectiva, o ato de tentar ensinar pode ser realizado por qualquer pessoa, assim como qualquer pessoa pode aprender com sucesso o que lhe foi ensinado. Tal entendimento emerge a partir do que Passmore (1980) esclarece sobre a relação de aprendizagem estabelecida entre pessoas de diferentes idades. Para o autor, “os adultos ensinam as crianças, as crianças ensinam outras crianças, tanto nas sociedades mais primitivas como nas mais complexas”, portanto, “o facto de todos os seres humanos ensinarem é, em muitos sentidos, o facto mais importante da vida humana: facto em virtude do qual, ao contrário de outros elementos do reino animal, os homens são capazes de transmitir características adquiridas” (PASSMORE, 1980, p. 9).

Apesar dessa definição ampla sobre o ensino, ensinar em ambientes formais de educação requer uma preparação específica, o que faz emergir a figura do professor. Ensinar envolve assumir uma responsabilidade. Como ressalta Cerletti (2009, p. 9), “um bom docente será alguém que se situa à altura dessa responsabilidade e problematiza sempre, que é o que ele ou ela realiza enquanto ensinante”. Cabe aos professores, nessa relação, viabilizar a ação de ensinar em espaços e condições diversas, repensando sua didática e seus conhecimentos.

O processo de ensinar não está sujeito a um controle absoluto. O professor pode fazer previsões, planejar e apontar caminhos, porém, aonde de fato ele chegará, só saberá na chegada. O processo de ensinar se apresenta como um ato criativo, ativo e que convida o aprendiz para uma experiência do pensamento. Assim, “ensinar é como lançar sementes que não sabemos se germinarão ou não; já aprender é incorporar a semente, fazê-la germinar, crescer e frutificar, produzindo o novo” (GALLO, 2012, p. 46). E é aqui que reside a beleza do processo educativo: quem ensina nunca sabe qual será o resultado de

suas ações, pois lança sementes em diversos solos que podem produzir flores, monstros ou coisa alguma.

Diante desse pensamento sobre o ensino, nos questionamos: e o educar, o que lhe convém? Acreditamos que a cada momento de dedicação de estudos e de aperfeiçoamentos acadêmico-profissionais, bem como pessoais, com vistas ao desenvolvimento de conhecimentos docentes, são preponderantes para corroborar a indelével capacidade que vamos conquistando e aprimorando à atuação como professores.

Compartilhamos com Gert Biesta (2020, p. 34) a compreensão de que “a tarefa educativa consiste em despertar no outro ser humano o desejo de querer existir no e com o mundo” de modo que ele possa se constituir como sujeito. É a prática docente, portanto, que oportuniza o ensinar, o pesquisar, o reconhecer o outro e no outro os saberes que o constitui; exige assumir, criticamente, as possibilidades estéticas e éticas ao desenvolvimento mútuo da aprendizagem.

É essa prática que transparece, como bem nos lembra Paulo Freire (2014, p. 30), as “bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo”. Entendemos que, para além da prática, é, também, a possibilidade de despertar no outro e com o outro os desejos ao conhecimento, que nos mobiliza à ação educacional, de sermos sujeitos-aprendentes.

Nesse sentido, cabe a nós, enquanto professores, oportunizar esses atravessamentos educativos e de conhecimentos aos estudantes que adentram às possibilidades de ensino e de educação mútuas, escolhendo estar ali para ter acesso ao mundo que possibilita aprendizagens, que possibilita saberes.

A partir dessa relação, entre sujeitos-aprendentes, quer sejam eles os estudantes e/ou os próprios docentes, entendemos ser possível propor e realizar ações de ensino e de aprendizagem que possam resultar em atravessamentos de conhecimentos de mundo.

O ensino da filosofia, da sociologia e da arte – ao que se aproximam de nossos contextos de ação docente e formativo-acadêmico – implicam em conhecimentos pedagógicos e científicos, os quais respaldam e, principalmente, fortalecem as nossas ações em contextos educacionais.

Em complementação, consideramos que a motivação em estudar é preponderante para que haja o desenvolvimento educativo. Nesse sentido, contribui para esse esclarecimento o estudo realizado por Reeve (2015), o qual aponta dois tipos de

motivações: a intrínseca, quando há o interesse que emerge do próprio sujeito, e a extrínseca, quando esse é estimulado por outros sujeitos.

Para esse autor, quando a motivação se relaciona ao ambiente educacional é importante compreender que, “a motivação pode ser aplicada para promover maior participação do aluno em sala de aula, para estimular a motivação que faça o aluno desenvolver seus talentos, como na música”, e complementa esclarecendo que, por outro lado, a motivação pode contribuir “aos professores de que modo obter em sala de aula um ambiente favorável, que satisfaça às necessidades e aos interesses dos alunos” (REEVE, 2015, p. 10).

Assim, as considerações de Paulo Freire (2014, p, 40) ampliam a compreensão de que “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática”. Logo, é diante de tal criticidade que entendemos a importância de nossas ações, de nossos pensamentos sobre o que nos mobiliza aqui: ensinar e educar.

Contudo, reafirmamos à eminente miragem à resposta ao questionamento que nos mobiliza, para interrogar e nos interrogar sobre que o pensamos: O que diferencia o ensinar do educar? Até o momento, percebemos que nos aproximamos de ações que nos propiciam conhecer o mundo, tal qual como ele nos apresenta diante de nossa singularidade de estarmos e, principalmente, de sermos, nele e com ele.

Ensinar e educar, estão, para nós, ao aprender mutuamente: ensina-se, educa-se e aprende-se através do modo como nos colocamos dispostos ao mundo que nos acolhe e que, ao mesmo tempo, o acolhemos com as suas pluralidades, para além de suas singularidades. Portanto, terminamos (sem terminar), mas interrogando: Ensinar e Educar no mundo e com o mundo são tarefas de todos em todos os tempos de existência? Logo, continuamos pensando...

PALAVRAS-CHAVE: Ensino e Aprendizagem; Tarefa Educativa; Formação Docente; Pensamento.

REFERÊNCIAS

BIESTA, Gert J. J. **A (re)descoberta do ensino**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de filosofia**: Uma didática para o ensino médio. Campinas, SP: Papirus, 2012.

PASSMORE, John. **The Philosophy of Teaching**. Trad.: Olga Pombo. London: Duckworth, 1980.

REEVE, Johnmarshal. **Motivação e emoção**. Rio de Janeiro: LTC, 2015.